

Manuela de Freitas, atriz
Suzana Borges, atriz
Nuno Vieira de Almeida, piano

Melodramas

Franz SCHUBERT
(1797 - 1828)

Despedida da terra

Franz LISZT
(1811 - 1886)

O cantor cego
O monge triste

João MADUREIRA
(1971 -)

Díptico - A minha solidão vê-se melhor...



Manuela de Freitas, discípula do Professor Fernando Amado, fez o curso de formação de actores da Fundação Calouste Gulbenkian, dirigido por Adolfo Gutkin e workshops com Prof. Shelley (do Old Vic), Peter Brook, Grotowsky e Bob Wilson. Foi fundadora e atriz dos Grupos: Fernando Pessoa, Casa da Comédia, Os Bonecreiros, Comuna e Teatro do Mundo. Estreou-se no teatro profissional em 1967 - depois de ter trabalhado como atriz e assistente de encenação em diversas produções em Portugal e Brasil dirigidas por Luís de Lima - com Laura Alves, Rui de Carvalho e Raul Solnado. Foi dirigida pelos mais destacados encenadores, nomeadamente: Jorge Listopad; Rogério de Carvalho; Jorge Silva Melo; Mário Feliciano; Mário Viegas; Luís Miguel Cintra; João Mota; Jean-Pierre Tailhade; Michel Mathieu, Fernanda Lapa. Dos inúmeros papéis principais desempenhados, destacam-se: Mulher (Deseja-se Mulher, de Almada Negreiros); Veladora (O Marinheiro, de Fernando Pessoa) Lis (Fando & Lis, de Arrabal); Rainha (O Fim, de António Patrício); Melibeia (Celestina, de Rojas, versão de David Mourão Ferreira); Alma (Para Onde Is, de Gil Vicente); Mãe (A Mãe, de B. Brecht); Violaine (Anúncio Feito a Maria, de Claudel); Arkadina (A Gaivota, de Tchekhov); Lecky (A Troca, de Claudel); Laura (O Pai, de Strindberg); Deusa Atena (Pilades, de Pasolini); Medeia (Material Medeia, de Heiner Muller); Melânia (A Pécora, de Natália Correia); Clov (Final, de Beckett); Blanche Dubois (Um Eléctrico Chamado Desejo, de Tennessee Williams); Rainha da Noite (A Flauta Mágica, de Mozart); Atriz Filha e Atriz Mãe (Depois do Ensaio, de Ingmar Bergman); Professor Otto de Aguilar (A Grande Magia, de Eduardo de Filippo); Berenice (Berenice, de Racine); Agnès (Um Sonho, de Strindberg); Próspero (A Tempestade, de

Shakespeare), Mary (Jornada Para a Noite, de Eugène O'Neill) e Medeia (Medeia, de Eurípides). No cinema, participou em cerca de trinta filmes portugueses e estrangeiros, destacando-se: O Passado e o Presente; Amor de Perdição; Francisca e Le Soulier de Satin (Manoel de Oliveira); Fragmentos de um Filme Esmola; Veredas; À Flor do Mar; Recordações da Casa Amarela; Comédia de Deus; Le Bassin de J. W.; As Bodas de Deus e Vai-e-Vém (João César Monteiro); O Desejado ou As Montanhas da Lua (Paulo Rocha); O Paraíso Perdido (Alberto Seixas Santos); Ninguém Duas Vezes e Agosto (Jorge Silva Melo); Dina e Django (Solveig Nordlund); Rosa Negra (Margarida Gil); O Som da Terra a Tremer e Frágil como o Mundo (Rita Azevedo Gomes) e em provas de alunos da Escola Superior de Cinema de Lisboa e da Royal College of Art de Londres. Com diversos discos de poesia gravados (Fernando Pessoa, Camilo Pessanha, António Nobre, Poemas de Bibe) tem feito recitais em Portugal e no estrangeiro. Autora de letras para cantores portugueses, encenou espectáculos de José Mário Branco, Carlos do Carmo e Camané e participou como recitante em diversos espectáculos musicais de que se destacam: Festival Chopin e Festival Shuman (Teatro Tivoli); Rei David, de Honneger (produção do Teatro S.Carlos no Teatro Camões); Itinerário da Poesia Portuguesa (Salon du Livre, em Paris); Sophia e Emily Dickinson (Teatro da Cornucópia) Soirée Pessoa (Palais des Beaux Arts, em Bruxelas); Medeia de Cherubini (Fundação Gulbenkian). Desde 1996 é membro da direcção da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema e, desde 2006 é professora do Curso de Mestrado de Teatro e Educação da Universidade do Algarve.



Foto: Guta de Carvalho

Suzana Borges, actriz desde 1979, com Pós-Graduação em Filosofia Contemporânea, tem tido desde o início formação contínua com, entre outros: Rudy Shelley and Lin Britt do the Old Vic Bristol Theatre School, Zygmunt Molik de Grotowsky, Marcia Haufrecht e Robert Castle ambos do Lee Strasberg Theater Institute. Desde 1979, trabalha a Voz com Maria do Rosário Coelho. Começou no Teatro no papel de Wendla, na "Tragédia Infantil" de Wedekind, encenação de Osório Mateus e nas mais de vinte peças desde há 32 anos, contam-se personagens como Johanna, em "Baal", Bertold Brecht; Maria em "Jogos de Praia", de E.A-Whitehead pela qual recebeu o Prémio de Actriz-Revelação da Associação da Crítica, em 1987; Ysé, de "Partage de Midi" de Claudel; Nancy em "Tokyo" de Tennessee Williams; Ela, em "Vamos Sonhar" de Sacha Guitry; Inês, em Rainha Viva" de Montherlant, que também encenou. Fez vários monólogos: "Desbarato" de Wesker; "Sonho de Verão", com textos de Jorge Luís Borges, Daniel Defoe e Joseph Conrad, em parceria com João Botelho; "A Vida não é Literatura" e "Uale – Não Posso Encontrar" ambos que também concebeu e dirigiu, assim como o último, "Gioconda e Si-Ya-U", de Nâzim Hikmet, em que interpreta várias personagens. Em 2010 foi ainda, Jitsuko, no espectáculo "Hanjo" de Yukio Mishima, com encenação de Paulo Lage. E em 2011, Lynn, em "Três Homens Sós" de André Murraças. Em Ópera, enquanto solista recitante, fez o papel de Dona Maria Ana de Áustria em "Blimunda" e de Maria Madalena na cantata dramática "La Morte di Lazzaro" ambas com libreto de José Saramago e música de Azio Corghi. Em Cinema trabalhou entre outros com Daniel Schmid, "Hors Saison"; Mario Gamus, "Sombras de una Batalla"; João Mário Grilo "A Falha", "Saramago - Documentos"; José Nascimento "Reportér X" e "Tarde Demais"; Fernando Lopes, "Lá Fora"; "Vai-Vem" de João César Monteiro, e com João Botelho em, entre outros, "Quem és tu?", personagem D. Madalena de Vilhena e "O Fatalista", personagem Estalajadeira. Esteve no Festival de Veneza em 2001 e 2005, onde "Quem és tu?" teve o Premio della Biennale 2001. Em Televisão destaca as personagens de Inês, em "Pedra Sobre Pedra", co-produção TV Globo - RTP; Maria do Carmo, em "A Banqueira do Povo", direcção de Walter Avancini; e na TVI: Mafalda d'Ávila, em "Jardins Proibidos"; Beatriz Paiva Calado em "Ninguém Como Tu"; Beatriz em "Vila Faia"; Sofia Gonzaga Valenti em "Deixa que te Leve". Ainda D. Amélia, em "O Dia do Regicídio", direcção de Fernando Wendrell. Com Nuno Vieira de Almeida mantém uma colaboração artística desde "A Minha Solidão Vê-se Melhor", com música de João Madureira apresentado nas Comemorações do Dia de Camões em 2002, em Beja, e ainda de sua concepção "In/finito" e "Para um Verde Menos Escuro", performance-concerto para a abertura das Comemorações Inesianas de 2011, no Convento de Sta Clara-Velha em Coimbra, aliando num diálogo música de Mahler, Palestrina, Schubert, Rachmaninov, Britten, Ligeti, Poulenc com textos de, entre outros, Álvaro de Campos, Fernando Pessoa, Eça de Queiroz, Herberto Helder, Álvaro Feijó, Emily Dickinson, Louise de Vilmorin, John Donne, Shakespeare, W.H. Auden, Walt Whitman.



Nuno Vieira de Almeida estudou em Lisboa com José Manuel Beirão, como bolsheiro da Fundação Gulbenkian, em Viena com Leonid Brumberg e em Londres com Geoffrey Parsons. Apresenta-se regularmente como pianista de Lied com os maiores cantores nacionais e grandes nomes internacionais em Portugal e no estrangeiro. Deu em Portugal muitas primeiras audições de obras de compositores como: Schönberg, Webern, Wolf, Von Einen, Skreker, Korngold, Weill, Bernstein, Britten, etc. Em primeira audição mundial obras de: João Madureira, Carlos Caires, Constança Capdeville, Paulo Brandão, etc. Autor de diversos projectos de síntese musical com áreas como a pintura, o teatro e a poesia. Foi co-autor com Yvette Centeno do programa de rádio "O texto e a música". Colabora regularmente em espectáculos de teatro e cinema como intérprete e autor de bandas sonoras. É professor na Escola Superior de Música de Lisboa. Alguns dos últimos trabalhos e apresentações: Gravação da integral para canto e piano de Luís de Freitas Branco e Joly Braga Santos assim como um duplo CD com obra para canto e piano de Fernando Lopes-Graça com Elsa Saque. Gravação de um CD com obras de Lopes Graça nunca antes gravadas com Ana Maria Pinto e João Rodrigues. Recital Mozart em Viena com Peter Weber, Peter Jelosits e Gabriele Fontana. Recital Poulenc em Grenoble com Jennifer Smith. Winterreise de Schubert com Peter Weber no Festival de Gaia.

Melodrama

Obra ou excerto de obra que utiliza a voz declamada e um acompanhamento instrumental ou orquestral, o melodrama tem sido utilizado com frequência pelo menos desde Beethoven. Quem não se lembra da descida ao calabouço de "Fidelio/Leonora" e "Rocco"? Quer seja no Fidelio ou na "Mulher sem sombra" de Strauss o melodrama explora a estranheza de uma voz declamada num contexto operático. É essa estranheza que faz muitos compositores, sobretudo desde o romantismo, utilizarem também a voz declamada em peças inteiras com acompanhamento instrumental.

Este recital traça um percurso entre melodramas pouco conhecidos de Schubert e Liszt e uma obra de João Madureira que reflecte sobre o legado histórico dessa forma tão inabitual.

Nota de Nuno Vieira de Almeida

Sobre a composição de Díptico

Ao escrever música para a declamação de duas das Cartas Portuguesas de Mariana Alcoforado, na bellissima tradução de Eugénio de Andrade, vi-me confrontado com um texto cuja singularidade me parece incontestável. Desde logo, pela situação descrita — cartas de amor escritas por uma jovem freira abandonada por um cavaleiro francês —, mas sobretudo pelo modo como essa situação é apresentada ao leitor: nestas cartas conjugam-se estados de espírito contraditórios, exprimem-se ideias de forma labiríntica e delirante, cuja profusão e recorrência não cessa de deslumbrar aquele que as lê, e atropelam-se diferentes momentos temporais, cuja sucessão é, afinal, só aparentemente caótica.

... foi assim que, como forma de referência à época em que viveu Sórora Mariana, mas também como reflexo natural da organização temporal do seu discurso, cheguei à composição de *Díptico* — duas peças onde integro citações de diferentes períodos da tradição musical europeia: Duarte Lôbo (1565-1646), Richard Wagner (1813-1883) e Franz Liszt (1811-1886).

Nota de João Madureira